

## A POSSIBILIDADE DE SUPERAÇÃO HUMANA FRENTE À DINÂMICA DE SUPRESSÃO DO ETERNO RETORNO

*THE POSSIBILITY OF HUMAN OVERCOMING IN FRONT OF  
THE SUPPRESSION DYNAMICS OF THE ETERNAL RETURN*

Vanessa Roberta Massambani Ruthes<sup>1</sup>  
Robson Stigar<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo procura apresentar, a partir da filosofia nietzschiana, o estado doente que o homem moderno esta inserido. Este é exteriorizado pela atitude de negação a tudo que é arbitrário e/ou contrário a seus valores e significados, encontrando-se entre a animalidade e a racionalidade. Sendo necessária, segundo o filósofo, pensar a superação da dinâmica desse eterno retorno para a o caminho da auto-supressão. Procuramos apresentar uma reflexão sobre a possibilidade de superação humana frente à dinâmica de supressão do eterno retorno, em torno da relação do homem com ele mesmo e com a sociedade.

**Palavras-chave:** Eterno Retorno; Superação; Supressão.

### Abstract

*This article seeks to present, from the nietzschean philosophy, the unhealthy state that modern man is inserted. This is externalized by denying attitude to everything that is arbitrary and / or contrary to their values and meanings, lying between animality and rationality. According to the philosopher, it is mandatory to think about the overcoming of the eternal return dynamics to the path of self-suppression. We try to present a reflection on the possibility of human resilience against the dynamic suppression of the eternal return, around the man's relationship to himself and to society.*

**Keywords:** *Eternal Return; Overcoming; Suppression.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teologia - PUCPR, Mestre em Teologia - PUCPR, Especialização em Bioética - PUCPR, licenciada em Filosofia - BAGOZZI. E-mail: vanessa\_ruthes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências da Religião - PUCSP, Mestre em Ciências da Religião - PUCSP, Especialização em Estética - UFPR, Licenciado em Filosofia - PUCPR. E-mail: robsonstigar@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

No período tardio de sua produção, que compreende os anos de 1880-1888, Nietzsche acaba por diagnosticar o estado doentio que o homem moderno está inserido. Este estado expressa por uma atitude de negação a tudo que se apresenta como arbitrário e contrário a seus valores e significados, rejeitando assim todas as outras possibilidades de existência.

Tal tipo de homem se encontra, segundo Nietzsche, em um estágio mediando entre a animalidade e um tipo superior de homem, constituindo-se, portanto, em uma ponte, “uma corda distendida entre o animal e o além-do-homem” (Übermensch). Contudo pensar a superação deste estado, inserida na dinâmica do eterno retorno do mundo, na qual “todas as coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de auto supressão”<sup>3</sup>, torna-se demasiadamente complicado. Pois este tipo de homem superior teria necessariamente que ser suprimido, como o próprio Nietzsche afirma: “as formas mais ricas e complexas – pois não há melhor palavra para um tipo superior [de homem] – infelizmente perecem”<sup>4</sup>.

Desta forma surge o problema que será objeto deste artigo: há realmente a possibilidade de superação do homem moderno que, por meio de sua atitude de negação, tornou-se doentio? Caso esta possibilidade seja efetiva, este além-do-homem não seria apenas uma solução paliativa para esta doença? Pois estaria fadado à supressão da possibilidade do retorno do tipo de homem moderno?

## A DINÂMICA DA NEGAÇÃO

Contudo para compreender melhor a questão do além-do-homem é necessário ter ciência da condição em que o homem moderno, fraco e doentio está inserido, e para tanto cabe assinalar que ele faz parte de um processo instaurado no Ocidente, o da *décadence*<sup>5</sup>.

Tal teve seu início quando um tipo de moralidade, a judaico-cristã, acabou por se constituir hegemônica, e instituiu valores cujo pressuposto era a negação de tudo o que representasse perigo à estrutura montada, tornando-o mau. Seu referencial, no sentido de engendrar valores, é, portanto “um outro”, um “não eu”, pois estes não são a expressão de sua força, mas sim do seu medo, do temor.

E tendo em mente a afirmação de que os valores são a condição de “conservação e crescimento de complexas formações vitais, de duração relativa, no interior do devir”<sup>6</sup>, pode-se inferir que os valores judaico-cristãos se constituem o solo do qual emanam as diferentes formações culturais.

Assim a filosofia, a ciência, a arte e os movimentos políticos são nada mais que o desdobramento da dinâmica de negação e do processo da *décadence*. Pois visam sempre à negação da ordem estabelecida com vistas a outra idealizada (filosofia e movimentos políticos), afirmam que suas visões de

<sup>3</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). III, 27.

<sup>4</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), III, 27.

<sup>5</sup> “A *décadence* descrita como degeneração não é um estado, mas um processo. Nele se efetiva a dissolução de uma organização, tendo-se está completado, decaída uma unidade numa multiplicidade sem mútua conexão (unidade que só é possível como estrutura hierarquizada), não se pode mais falar em *décadence*. Sob este título somente podem ser apreendidas as fases do processo de decadência de uma totalidade, na medida em que esta, a despeito de todas as tendências à dissolução, ainda permanece uma unidade.” Oswaldo GIACOIA, O. *Labirintos da Alma*, (Campinas: Unicamp, 1997), p. 21-22.

<sup>6</sup> Oswaldo GIACOIA, O. *Labirintos da Alma*, (Campinas: Unicamp, 1997), p. 22.

mundo são a Verdade irrefutável (ciência) ou enfim buscam propagar um sentimento de torpor no qual o vir-a-ser e o sofrimento que causa, não são sentidos (arte).

Contudo é mister ressaltar que esta reação negativa não é direcionada somente a outras possíveis concepções morais mas também às suas próprias condições de subsistência, pois nega os valores naturais da vida, falseando-os ou desprezando-os em relação a uma dita e sonhada vida pós-morte, plena e feliz no Reino dos céus.

Tal reação é característica de um tipo de Vontade de Poder degenerada, a vontade de nada própria do ascetismo que acaba por promover uma “luta da vida contra a vida”<sup>7</sup>, pois se nega toda a realidade humana natural, circunscrita em um devir, em busca de uma outra, não natural, eterna.

Percebe-se desta maneira que os valores cristãos, não só engendram as esferas da cultura, mas acabam por plasmar um tipo de homem que busca no “malogar, no enfezar, na dor, no desastre, na negação de si, na autoflagelação, no auto sacrifício uma satisfação”<sup>8</sup>.

Podendo-se inferir, portanto que este tipo de moral “determina a substância, a forma e a dinâmica do mundo moderno”<sup>9</sup>. Autodenominando-se a Verdade acaba por suprimir toda a possibilidade de existência de outros conjuntos axiológicos, de todas as possíveis outras explicações, já que o valor que estas expressam não é verdadeiro.

## A ASCENSÃO DO NIILISMO

Contudo à medida que o processo de *décadence* progride há a ascensão de uma falta de sentido, pois os supremos valores, que já não se sustentam por si, acabaram por se desvalorizar. “Uma interpretação sucumbiu: mas, porque ela valia como A interpretação, parece como se não houvesse nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão.”<sup>10</sup>

Percebe-se que a verdade apregoada não foi alcançada, e, portanto também não foi conhecida, sendo que a partir desta percepção dá-se início ao eclipse do dogma cristão e de todo o mundo-verdade, suprassensível, inventado por este. Cabe assinalar que devido a este eclipse é que se tornou possível a ascensão do niilismo à consciência do homem, da falta de sentido existencial, que se efetiva com a compreensão de que nem com o conceito de fim, nem com o conceito de unidade, nem com o conceito verdade se pode interpretar o caráter global da existência.

Com isso, nada é alvejado e alcançado; falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: O caráter da existência não é verdadeiro, é falso não se tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir de um verdadeiro mundo. Em suma: as categorias fim, unidade, ser, com as quais se tinha imposto ao mundo um valor, foram, outra vez retiradas por nós – e agora o mundo parece sem valor.

Quando tal realidade ascende à consciência pode gerar no homem dois tipos básicos de reação: uma passiva, que se expressa pelo sentimento de cansaço e fraqueza, de impotência que se expressa

<sup>7</sup> FRIEDRICH NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), III, 13. p. 109-110.

<sup>8</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), III, 11. p. 106.

<sup>9</sup> Oswaldo GIACOIA, *O. Labirintos da Alma*, (Campinas: Unicamp, 1997), p. 32

<sup>10</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Além de Bem e Mal*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 160. p. 81.

em uma paralisia angustiante perante toda a realidade. E a outra ativa que se exprime por meio de uma reação movida por uma vontade de destruição, a qual Nietzsche expressa pelo termo grego *Híbris*<sup>11</sup>, uma atitude soberba de violação contra todo o mundo e contra si mesmo, pois já que a Verdade não existe tudo seria permitido.

Contudo, ambas as reações se constituem um desdobramento da negação, portanto um desdobramento da doença, pois a primeira é regradada pela sujeição a uma ordem posta tida como Verdadeira, o que é próprio do cristão e a segunda, por uma reação negativa que se dá de forma ressentida, com rancor e desespero por sua condição.

No entanto, com a ascensão ao tipo de niilismo ativo, é que se consegue perceber uma possibilidade de sanção da doença da negação, e da superação deste tipo de homem. Pois somente o homem que tem consciência de que A Verdade não existe e, portanto o que há é uma pluralidade de perspectivas, é que pode ir além.

Pois conceber o mundo como múltiplo e perspectivo, é entender que não possui nenhum sentido ou finalidade, mas que é um eterno vir-a-ser, um eterno retorno, de estados diferentes e transitórios, que se agregam e desagregam mediante as diferentes Vontades de Poder presentes. Dos quais várias interpretações podem ser inferidas, não como forma de refutação, negação do que está posto, mas como uma contraposição às atuais interpretações, sendo que esta atitude caracteriza o experimentalismo.

## O AMOR À FATALIDADE

Quando o homem em busca do novo arrisca proposições, possibilidades, hipóteses, com vistas a empreender descobertas ou invenções: “esta aberto o caminho para novas versões e refinamentos, [novas] hipóteses”<sup>12</sup>.

Assim sendo a filosofia experimental como a vivencia em si, antecipa experimentalmente qualquer possibilidade do niilismo radical; sem querer dizer com isso que ela se detenha em uma negação, no não, em uma vontade de não.

Ela pretende, em vez disso, atravessar até ao inverso – até a um dionisíaco dizer sim ao mundo tal como é, sem desconto, exceção e seleção, - quero o eterno curso circular; – as mesmas coisas, a mesma lógica e ilógica do encadeamento. Supremo estado em que o filósofo pode alcançar: estar dionisiacamente diante da existência.

Tal atitude proporcionaria ao homem sanar a doença e adquirir gradativamente a saúde até torná-la uma grande saúde, pois esta contraposição acontece no interior do homem, o qual acaba por “se tornar um campo de batalhas entre opostos”<sup>13</sup>, proporciona um significativo aumento no quantum de força e de vitalidade.

<sup>11</sup> “Palavra com que os antigos gregos designavam todo comportamento arbitrário, arrogante, desrespeitador dos direitos do próximo e das normas da comunidade.” (Friedrich NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), III, 12. p. 108.

<sup>12</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Além de Bem e Mal*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 12. p. 18.

<sup>13</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Genealogia da moral*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), I, 16. p. 43.

Transformando assim sua alma em uma “alma que esta ávida de fazer todas as conversões de todos os valores que existiram e de todos os desejos que foram satisfeitos até hoje”<sup>14</sup>, proclamando sempre um grande sim a todas as possibilidades acerca do eterno retorno do mundo.

Este processo de sanação é regrado, nas palavras de Nietzsche, pelo *amor fati*, o amor à fatalidade, que doa direito de cidadania a todas as possíveis interpretações e realidades.

Amor fati: este será a partir de agora meu amor. Não quero combater a feiúra. Não quero acusar, nem sequer aos acusadores. Voltar a vista: esta será minha única negação! E, sobre tudo, ver as coisas amplamente; eu quero, quaisquer que sejam as circunstâncias, não ser mais que um afirmador.<sup>15</sup>

E aqui se tem o problema: este afirmador da vida que conseguiu ir além-do-homem moderno, doentio e fraco, pertence à dinâmica do eterno retorno e está fadado a se auto suprimir, portanto se constitui um remédio paliativo à doença, pois a moralidade da negação acabaria por retornar.

Contudo aqui não se deve inferir que este seja um salvador do homem moderno, que viria instaurar uma raça superior, que aos poucos destruiria toda a humanidade existente se tornando assim única.

Assim sendo, neste caso ter-se-ia uma reedição da rebelião moral efetivada pelo Cristianismo; não se deve pensar “em uma evolução da humanidade, nem num advento de uma classe universal”, ou ainda em “um indivíduo” ideal, mas sim “de um certo tipo de homem”. Em outras palavras Nietzsche em sua filosofia, ao abordar a questão do além do homem o faz apenas como uma realidade possível, pois “a meta não [é] a humanidade, mas sim o além-do-homem.”<sup>16</sup>

Desta forma para compreender o que seria este além-do-homem é necessário ter em vista aquilo que Nietzsche denomina de espírito histórico. Este faz parte do método que o autor utiliza para melhor compreender a dinâmica do mundo, o método genealógico, que visa desvelar o conteúdo valorativo.

## AS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO

E inserindo a moral no cômputo histórico, em um tempo e em um espaço, acaba-se por se perceber que não esta relacionada com uma realidade ideal e suprassensível, mas que esta relacionada com a organização social dos indivíduos. Pois Nietzsche concebe a moral como “a teoria das relações de dominação”<sup>17</sup> percebe-se que esta diretamente relacionada com, “à hierarquia de valorações segundo as quais um povo, uma sociedade, um homem viveu”<sup>18</sup>.

Tal conhecimento permitiu à Nietzsche romper com a visão axiológica defendida até então pelas teorias morais, que concebiam os valores como dados, e desvelar os problemas morais, que somente emergem na comparação destas. “No cômputo histórico, sempre vem à luz tanto de fal-

<sup>14</sup> Friedrich NIETZSCHE, *El Gay Saber*, (Buenos Aires: Aguilar, 1949), 82. p. 24.

<sup>15</sup> Friedrich NIETZSCHE, *El Gay Saber*, ((Buenos Aires: Aguilar, 1949), 276. p. 57.

<sup>16</sup> Gerárd LEBRUN. *Surhomme et homme total*, (Paris: [s.d] 1978), p. 45-46.

<sup>17</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Além de Bem e Mal*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 19, p. 25.

<sup>18</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Além de Bem e Mal*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), 224. p. 128-129.

so, grosseiro, desumano, absurdo, violento, que, a piedosa disposição à ilusão [metafísica], (...) é necessariamente desbaratada.”<sup>19</sup>

Pois em outras épocas terão outros estados transitórios provenientes da dinâmica do vir-a-ser os quais necessitarão de outras atitudes, quem sabe de outros valores. Mas, nas circunstâncias atuais, há efetivamente a necessidade e a possibilidade de superação deste estado, como diz profeticamente Zaratustra:

O homem é superável. Que fizeram para superá-lo? Até a presente data todos os seres apresentaram algo superior a si mesmos; e vocês querem o refluxo desse grande fluxo, preferem tornar ao animal, ao invés de suplantar o homem? (...) Mesmo o mais erudito de vocês nada mais é do que uma mistura híbrida de planta e fantasma. Acaso lhes disse eu que se tornem planta ou fantasma? (...) o homem é a corda distendida entre o animal e o além-do-homem. (...) a grandeza do homem é ser um ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem é ser ele uma passagem e não um temo. (...) O além-do-homem é o bom senso da terra. Digam as suas vontades: seja o além-do-homem a razão, [a meta] da terra. (...) Eu lhes anuncio [a necessidade e a possibilidade do] além-do-homem!<sup>20</sup>

Sendo mister assinalar que tal atitude permitiu diagnosticar entre outras coisas, a revolta escrava que culminou com a hegemonia cristã, o processo de *décadence* e o estado de niilismo. E, permite prognosticar o surgimento de um tipo superior de homem, já existente, mas que pelo fluxo do vir-a-ser haveria de retornar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche constata o estado doentio em que o homem moderno está inserido. Tais fatos se expressam nas atitudes de negação a tudo que se apresentam como arbitrário e contrário a seus valores e significados, rejeitando assim todas as outras possibilidades passíveis de existência. Tal homem se encontra, segundo Nietzsche, em um estágio mediando entre a animalidade e um tipo superior de homem, sendo necessária a constituição da superação do estado de negação do homem moderno.

Percebe-se assim que a questão do além-do-homem, tratada por Nietzsche, também pertence há um tempo e espaço, pois se constituiria a apenas um tipo de superioridade que não é ideal, mas que somente é compreendida em relação à esta condição, e desta maneira o prognóstico nietzscheano diz respeito somente a situação atual do eterno retorno do mundo.

## REFERENCIAS

ARALDI, C. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. In: **Cadernos Nietzsche 5**. São Paulo: [s.n.], 1998.

DOSTOIÉVSKI, F. Os demônios. In: **Obras completas**, vol. III. Trad. Natália Nunes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

<sup>19</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*. 1976. II, 7. p. 40.

<sup>20</sup> Friedrich NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), III, IV. p. 10-11.

\_\_\_\_\_. Os Irmãos Karamázovi. In: **Obras completas**, vol. IV. Trad. Natália Nunes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do Poder**. trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIACOIA, O. Genealogia da moral e arqueologia da cultura. In: **Assim falou Nietzsche II: Memória, tragédia e cultura**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. **Labirintos da Alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral**. Campinas: Unicamp, 1997.

LEBRUN, G. **Surhomme et homme total**. Paris: [s.n.], 1978.

MÜLLER-LAUTER, W. **A Vontade de poder em Nietzsche**. trad. Oswaldo Giacoia Júnior. São Paulo Brasiliense, 1999.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e ninguém**. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. 9. ed. São Paulo: Hemus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Hemus, 1976.

\_\_\_\_\_. El Gay Saber. In: **Obras incompletas de Federico Nietzsche**. vol. VI. trad. Eduardo Maury. Buenos Aires: Aguilar, 1949.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. trad. Ivan Emilianovitch. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

VOLPI, F. **O Niilismo**. trad. Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.

